

## FORMAÇÕES EM AGROECOLOGIA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: PRINCÍPIOS, FUNDAMENTOS E PRÁTICAS DE ENSINO

Thiago Leandro da Silva Dias<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a experiência formativa desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/UFRB – edição 2024-2026), junto aos Núcleos de Iniciação à Docência (NID) da Escola Municipal Laudelino Gonçalves de Moura, em Ipecaetá-Ba, e do Colégio Estadual do Campo Maria Quitéria, em Feira de Santana-Ba. A proposta teve como eixo a formação em Agroecologia articulada à Educação do Campo e ao Ensino por Investigação, contemplando princípios, fundamentos e práticas de ensino voltadas ao fortalecimento da agroecologia como matriz formativa e curricular. O referencial teórico-metodológico adotado fundamentou-se em autores(as) que discutem a pedagogia da alternância, a valorização dos saberes camponeses e a abordagem da pesquisa e do trabalho como princípio educativo. Partimos da compreensão de que o trabalho social principal do(a) professor(a) e da escola deve consistir na melhoria constante da agricultura, da economia e das condições de vida do camponês, sendo esse trabalho feito com a escola e através dela. O módulo inicial contemplou quatro encontros: uma roda de conversa aberta ao público sobre Educação do Campo, Agroecologia e Práticas Experimentais; um minicurso teórico e um minicurso prático de Meliponicultura; e uma oficina sobre Manejo de Sistemas Agroflorestais. As atividades, articuladas entre leituras, discussões e vivências práticas, possibilitaram a construção de propostas investigativas e o desenvolvimento de práticas educativas, tais como uma Gincana sobre Sementes Crioulas na Escola de Ipecaetá e a construção de uma horta no Colégio de Feira de Santana. Os resultados parciais apontam para o fortalecimento da formação docente em diálogo com os territórios e identidades do campo, a ampliação da compreensão sobre a Agroecologia enquanto ciência, prática e movimento social, e a integração entre conhecimentos acadêmicos e saberes tradicionais.

**Palavras-chave:** Formação docente, PIBID, Meliponicultura, Horta, Agrofloresta.

### INTRODUÇÃO

A formação de professores voltada para a Educação do Campo requer a construção de processos educativos que reconheçam as especificidades, saberes e modos de vida das populações camponesas. Nesse contexto, a Agroecologia emerge não apenas como um campo científico, mas também como um movimento social e uma prática educativa capaz de integrar o conhecimento técnico-científico e o saber popular a favor da transformação das condições de vida das populações do campo, das águas e das florestas.

<sup>1</sup> Professor coordenador do PIBID Educação do Campo: Doutor em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, [thiago.dias@ufrb.edu.br](mailto:thiago.dias@ufrb.edu.br).



O presente trabalho tem como objetivo apresentar e refletir sobre uma experiência formativa desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/UFRB – edição 2024-2026), em parceria com os Núcleos de Iniciação à Docência (NID) da Escola Municipal Laudelino Gonçalves de Moura, em Ipecaetá-BA, e do Colégio Estadual do Campo Maria Quitéria, em Feira de Santana-BA.

A proposta teve como eixo central a formação em Agroecologia articulada à Educação do Campo e ao Ensino por Investigação, buscando integrar princípios, fundamentos e práticas pedagógicas que fortaleçam a Agroecologia como matriz formativa, curricular e política. Partimos da compreensão de que a escola do campo deve estar enraizada na realidade concreta das comunidades camponesas, contribuindo para o fortalecimento da agricultura familiar, da economia local de base comunitária e da autonomia dos sujeitos do campo. Assim, o papel do(a) professor(a) e da escola se vincula à melhoria das condições de vida, de produção e de convivência com o território, assumindo a Agroecologia como horizonte educativo e ético-político.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E CONTEXTO INVESTIGATIVO

A formação docente no campo brasileiro estrutura-se a partir de princípios que reconhecem a diversidade sociocultural, territorial e produtiva das comunidades camponesas. A Educação do Campo, nesse contexto, constitui-se simultaneamente como movimento social e política pública, fruto das lutas de trabalhadores e trabalhadoras rurais, assentados, quilombolas e povos tradicionais que reivindicam uma educação vinculada aos seus modos de vida, suas formas de produção e suas territorialidades (CALDART; 2002).

Caldart (2012) ressalta que a Educação do Campo ultrapassa o entendimento de uma simples modalidade educacional, configurando-se como concepção político-pedagógica que toma o trabalho, o território e os saberes populares como dimensões formadoras do sujeito. Tal perspectiva se articula com o pensamento de Pistrak (2009) e de Freire (1996), que compreendem o trabalho como princípio educativo capaz de integrar teoria e prática em um mesmo processo formativo, conferindo à educação um papel de transformação social e emancipação humana.



Nessa mesma direção, Romier da Paixão Souza (2017) afirma que o movimento da Educação do Campo vem construindo as bases pedagógicas e epistemológicas de uma educação profissional em Agroecologia, centrada na crítica ao modelo de desenvolvimento hegemônico e na valorização dos saberes e práticas dos povos do campo, das águas e das florestas. Essa proposta busca romper com a lógica da ciência dominante, reconhecendo a necessidade de uma formação que dialogue com as realidades locais não apenas para compreendê-las, mas também para transformá-las. O processo de consolidação da Educação do Campo com enfoque agroecológico sustenta-se, segundo o autor, em princípios político-pedagógicos que orientam a prática formativa:

- a) a escola vinculada a um projeto de emancipação humana;
- b) a valorização da diversidade de conhecimentos;
- c) o reconhecimento dos diferentes tempos e espaços educativos;
- d) a vinculação entre escola e realidade dos sujeitos;
- e) a educação como estratégia de sustentabilidade e transformação social;
- f) a autonomia e a colaboração entre os sujeitos do campo e o sistema nacional de educação;
- g) o trabalho como princípio educativo;
- h) a pesquisa como princípio educativo.

Entre esses fundamentos, destacamos o educar pela pesquisa como eixo estruturante do processo formativo. Essa concepção compreende a pesquisa como princípio científico e educativo, articulando produção de conhecimento e desenvolvimento da autonomia intelectual. De acordo com Demo (1996), essa abordagem se centra no questionamento reconstrutivo, articulando teoria e prática, qualidade formal e política, inovação e ética. A educação pela pesquisa, assim, constitui um ciclo dialético e recursivo que se inicia com o surgimento de um questionamento e se desdobra em movimentos de reconstrução de conhecimentos e práticas, sustentados pela organização e defesa de novos argumentos, constantemente avaliados e aperfeiçoados (GALIAZZI; MORAES, 2002).

Nesse horizonte, as práticas formativas desenvolvidas no âmbito do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) buscam fortalecer os vínculos entre terra, comunidade, produção agroecológica, diversidade biocultural e a relação entre trabalho e educação. Por meio da articulação entre ensino, pesquisa e extensão, essas experiências vêm contribuindo para uma formação docente contextualizada e



comprometida com os princípios da Educação do Campo (DIAS, 2022; DIAS; SANTOS; SILVA, 2023).

Trata-se, portanto, de uma concepção formativa voltada para a prática educativo-crítica e transformadora, sustentada na dialogicidade e na autonomia dos sujeitos (FREIRE, 2005). Essa perspectiva mantém sintonia com as diretrizes da Educação do Campo (CALDART, 2002) e da Educação em Agroecologia (ABA, 2013), respondendo às pautas e reivindicações dos movimentos camponeses que demandam uma reorientação curricular capaz de integrar os saberes da vida, do trabalho e do território à prática escolar.

Nesse contexto, Pupo (2018) destaca a urgência de repensar o Ensino de Ciências a partir da crítica ao modelo agroindustrial de apropriação dos ecossistemas, responsável por falhas metabólicas na relação entre sociedade e ambiente. O autor propõe um Ensino de Ciências voltado à Educação do Campo, que incorpore a Agroecologia e os modos de manejo dos agroecossistemas como elementos centrais de análise e orientação pedagógica. Para Pupo, a ascensão da Agroecologia nas últimas décadas e sua apropriação pelos movimentos sociais do campo conferem-lhe relevância como matriz curricular das Licenciaturas em Educação do Campo, por favorecer uma formação crítica, ambientalmente responsável e comprometida com a sustentabilidade da vida rural. Essa compreensão é reforçada por Ribeiro et al. (2017), ao afirmarem que o estudo da Agroecologia representa não apenas um campo de conhecimento científico, mas também uma prática social transformadora, capaz de questionar a lógica consumista do capitalismo e apontar caminhos para a reconstrução ecológica da agricultura e das relações sociais.

## **METODOLOGIA**

A experiência formativa aqui relatada foi desenvolvida entre abril e agosto de 2025, envolvendo estudantes bolsistas do PIBID, professores supervisores das escolas parceiras e docentes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). A proposta foi organizada em um módulo inicial de formação em Agroecologia, composto por quatro encontros





presenciais e integradores, que articularam momentos teóricos e práticos. O percurso metodológico baseou-se em três princípios fundamentais:

- (1) Formação pela práxis – a aprendizagem como processo contínuo de ação-reflexão-ação, pautado na experiência concreta dos sujeitos;
- (2) Integração entre ensino, pesquisa e extensão – compreendendo o espaço escolar como território educativo e investigativo;
- (3) Diálogo de saberes – valorização dos conhecimentos tradicionais e científicos em um mesmo processo formativo.

As atividades foram realizadas de forma alternada entre as escolas-comunidade, buscando respeitar suas especificidades e contextos produtivos. As principais etapas foram: (1) Roda de conversa aberta sobre “Educação do Campo, Agroecologia e Práticas Experimentais”; (2) Minicurso teórico de Meliponicultura (criação de abelhas sem ferrão) com abordagem ecológica e cultural; (3) Minicurso prático de Meliponicultura, com montagem de iscas para captura de abelhas e discussão sobre polinização e biodiversidade; (4) Oficina sobre Manejo de Sistemas Agroflorestais (SAFs), enfatizando princípios ecológicos, manejo do solo e consórcios produtivos. Cada atividade foi planejada conforme diagnóstico inicial em torno das necessidades pedagógicas, práticas e conceituais relacionadas aos NIDs em questão.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro encontro, realizado em formato de roda de conversa, reuniu professores supervisores, coordenadores, estudantes e representantes das escolas parceiras. A atividade teve como foco a trajetória histórica da Educação do Campo, suas conquistas e desafios contemporâneos, e a importância da Agroecologia enquanto matriz curricular e prática emancipatória. Esse momento inicial possibilitou o mapeamento das expectativas, interesses e potencialidades formativas dos participantes.

Destaca-se a participação de Lucimara Santos da Silva, que compartilhou a experiência da Escola Família Agrícola dos Municípios Integrados da Região de Irará (EFAMI) com a Educação em Agroecologia. Em sua fala, enfatizou a diversidade de práticas,





projetos e espaços produtivos desenvolvidos na escola, ressaltando o papel do trabalho coletivo, da experimentação e do vínculo com o território na formação dos jovens do campo.

A partir das discussões suscitadas nesse encontro, emergiu a necessidade de refletir sobre como os princípios da Educação do Campo e da Agroecologia podem ser incorporados

aos projetos interdisciplinares, aos materiais educativos e às estratégias metodológicas de ensino, especialmente nas áreas de Ciências e Matemática. Nesse sentido, foi proposta uma atividade de planejamento formativo, em que cada grupo de bolsistas, sob a orientação de seu respectivo professor supervisor, deveria elaborar uma proposta investigativa – experimental ou não – a ser desenvolvida ao longo de um trimestre. Essa proposta deveria articular-se ao conteúdo programático do componente curricular, dialogando com os fundamentos da pesquisa e do trabalho como princípio educativo, de modo a fortalecer a relação entre teoria, prática e realidade local.

O segundo e o terceiro encontros foram dedicados à realização de um minicurso teórico-prático de Meliponicultura, que teve como objetivo aproximar os participantes dos aspectos biológicos, ecológicos e culturais das abelhas nativas sem ferrão, espécies fundamentais para a manutenção da biodiversidade e para a sustentabilidade dos sistemas agrícolas. Ao longo das atividades, discutiram-se as dimensões técnicas do manejo das colônias e os saberes tradicionais associados à criação de abelhas, destacando-se o conhecimento popular sobre ciclos reprodutivos, flora melitófila e usos tradicionais do mel, da cera e do própolis.

As discussões evidenciaram o potencial da meliponicultura como prática educativa interdisciplinar, capaz de articular conteúdos das áreas de Ciências, Biologia, Geografia e Educação Ambiental, além de promover reflexões sobre a relação entre ser humano, território e natureza. O diálogo entre ciência e tradição mostrou-se fundamental para compreender a criação de abelhas nativas como atividade econômica, ação cultural e ecológica de conservação dos ecossistemas.

Na parte prática do minicurso, os participantes aprenderam a confeccionar iscas racionais para a captura de enxames de abelhas sem ferrão, utilizando materiais simples e acessíveis. As iscas foram distribuídas estrategicamente nas áreas verdes do campus da UFRB, em Feira de Santana, onde o curso foi realizado, com o propósito de acompanhar o processo de ocupação das colônias e incentivar o monitoramento participativo da fauna







polinizadora local. Essa vivência possibilitou aos bolsistas perceber a potencialidade pedagógica da meliponicultura como ferramenta de ensino pautado na agroecologia e na resiliência dos sistemas produtivos.

O quarto encontro consistiu em uma oficina de Manejo de Sistemas Agroflorestais (SAFs), na qual os participantes tiveram a oportunidade de compreender princípios ecológicos

fundamentais, como sucessão natural, estratificação vegetal e ciclagem de nutrientes. A atividade incluiu demonstrações práticas de plantio consorciado, utilização de cobertura morta como estratégia de conservação do solo e manejo agroecológico, bem como intervenções voltadas para o monitoramento da saúde do solo e identificação de plantas indicadoras de fertilidade e equilíbrio ambiental.

A oficina foi mediada por Metre Lupião (Luciano dos Reis Silva) e realizada no SAF Antonio Conselheiro, um espaço produtivo da UFRB desenvolvido em parceria com o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA). Durante a atividade, os participantes puderam praticar técnicas de capina seletiva, preparo do solo e manejo integrado das culturas, refletindo sobre como essas estratégias contribuem para a sustentabilidade produtiva, a conservação ambiental e a resiliência dos sistemas agrícolas.

Além da dimensão técnica, a oficina promoveu um diálogo entre ciência e saberes tradicionais, permitindo aos bolsistas perceber a relevância de práticas agroecológicas na formação docente, na construção de propostas pedagógicas contextualizadas e na integração entre teoria e prática no ensino em escolas do campo.

A partir dessas vivências formativas, as equipes dos dois Núcleos de Iniciação à Docência (NIDs) elaboraram e executaram práticas educativas contextualizadas, que buscaram articular os fundamentos teóricos e práticos discutidos nos encontros com as realidades socioculturais e produtivas das comunidades escolares.

Na Escola Municipal Laudelino Gonçalves de Moura, localizada no município de Ipecaetá-BA, foi organizada a Gincana das Sementes Crioulas, uma atividade que mobilizou estudantes, professores e agricultores locais em torno do reconhecimento, da troca e da valorização das variedades tradicionais cultivadas na região. A proposta teve como objetivo promover a educação através da pesquisa e da experiência comunitária, estimulando o diálogo entre gerações e o resgate da memória biocultural da comunidade. Durante a gincana, os participantes catalogaram diferentes espécies e variedades crioulas, registrando informações





sobre seus usos, formas de manejo e relevância cultural. A atividade também fomentou reflexões sobre a soberania alimentar, a biodiversidade e a importância das práticas de autonomia camponesa frente à homogeneização imposta pelo agronegócio.

No Colégio Estadual do Campo Maria Quitéria, em Feira de Santana-BA, os bolsistas desenvolveram o projeto de implantação de uma horta agroecológica escolar, envolvendo

estudantes do ensino médio em um processo formativo que integrou conteúdos de Ciências, Biologia e Agroecologia. O trabalho foi orientado de modo a permitir os estudantes compreendessem as relações entre solo, plantas e seres vivos, bem como refletissem sobre o papel da agricultura sustentável no cotidiano escolar e comunitário. Além de espaço produtivo, a horta tem se transformado em espaço de ensino e pesquisa, possibilitando o desenvolvimento de práticas experimentais, o acompanhamento do crescimento das plantas e o estudo de temas como ciclagem de nutrientes, polinização e manejo agroecológico de pragas e doenças.

Essas ações revelaram o potencial das práticas agroecológicas enquanto estratégias pedagógicas interdisciplinares, capazes de integrar ciência, cultura e território. Tanto a gincana quanto a horta configuraram-se como espaços de formação docente e de aprendizagem ativa, reafirmando a Agroecologia como matriz formativa e curricular no contexto da Educação do Campo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações formativas desenvolvidas ao longo deste percurso permitiram refletir, de modo integrado, sobre os princípios, fundamentos e práticas de ensino da Agroecologia no contexto da Educação do Campo. Desde os primeiros encontros, em formato de roda de conversa, até as vivências práticas em meliponicultura, manejo de sistemas agroflorestais e atividades pedagógicas nas escolas, observou-se a construção coletiva de saberes enraizados nas experiências dos sujeitos do campo.

O objetivo geral de promover processos formativos que valorizassem a Agroecologia como matriz curricular e prática emancipatória foi plenamente contemplado. De forma específica, alcançou-se o propósito de (1) fortalecer a formação docente por meio da articulação entre teoria e prática, ciência e saber tradicional; (2) estimular a pesquisa como







princípio educativo, a partir do desenvolvimento de propostas investigativas nas escolas; (3) incentivar práticas interdisciplinares que promovam o aprendizado ativo e cooperativo entre estudantes e comunidades; (4) consolidar a Agroecologia como eixo articulador do currículo das Escolas do Campo.

Os resultados foram visíveis tanto na dimensão pedagógica quanto na sociocultural. A Gincana das Sementes Crioulas e a implantação da horta agroecológica escolar demonstraram

o potencial da escola do campo como espaço de produção de conhecimento e fortalecimento da identidade camponesa. Já as formações realizadas na universidade propiciaram a ampliação do olhar dos bolsistas e professores sobre os desafios e as possibilidades de uma educação que se faz a partir do território, em diálogo com os saberes locais e com a natureza.

Em síntese, as Formações em Agroecologia na Educação do Campo reafirmaram a centralidade dos princípios da Pedagogia da Alternância, do trabalho e da pesquisa como princípios educativos e do diálogo de saberes na construção de práticas pedagógicas comprometidas com a transformação social. Tais experiências apontam caminhos para uma educação contextualizada, crítica e emancipatória, que reconhece os sujeitos do campo como protagonistas do conhecimento e da sustentabilidade.

Em síntese, as Formações em Agroecologia na Educação do Campo mostraram-se um caminho fértil para o fortalecimento de uma educação contextualizada, crítica e contracolonial, enraizada na cultura camponesa e comprometida com a transformação social. Ao articular os ensinamentos, formações e espaços educativos, reafirmamos a Agroecologia como pedagogia da vida e da resistência, essencial à construção de um projeto educativo comprometido com a justiça socioambiental e a dignidade dos povos do campo, das águas e das florestas.

## REFERÊNCIAS

ABA-Agroecologia -Associação Brasileira de Agroecologia. **Anais do I Seminário Nacional de Educação em Agroecologia**. Construindo princípios e diretrizes. Pernambuco: NAC – UFRPE, 2013

CALDART, R. S. Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, E. J.; CERIOLI, P. R.; CALDART, R. S. (org.). **Educação do Campo: identidade e políticas públicas**. Brasília, DF: articulação nacional Por Uma Educação do Campo, 2002.





CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**: escola é mais do que escola. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

DEMO, P. **Educar pela Pesquisa**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

DIAS, T. L. S. Uso didático-experimental de sementes crioulas na educação do campo. Open Science Research VI, 1ed. Guarujá: **Científica Digital**, v. 6, 2022, p. 1129-1140.

DIAS, T. L. S.; SANTOS, I. J.; SILVA, L. R. Educar pela pesquisa agroecológica: vivências didático-experimentais no âmbito da licenciatura em educação do campo (CETENS/UFRB). **Cadernos de Agroecologia** – Anais do III SNEA, v. 18, n. 1, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GALIAZZI, M. do C.; MORAES, R. Educação pela pesquisa como modo, tempo e espaço de qualificação da formação de professores de ciências. **Ciência & Educação**, v. 8, n. 2, p. 237-252. 2002.

PISTRAK, Moisey M. **Fundamentos da escola do trabalho**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

PUPO, M. A. V. Por uma Ciência popular da vida: ancestralidade e Agroecologia na formulação das Ciências da Natureza da Educação do Campo. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, v. 3, n. 3, p. 862-890, 2018.

RIBEIRO, D. S.; TIEPOLO, E. V.; TARDIN, J. M.; ZARREF. L.; VARGAS, M. C.; LOPES, N. L. R.; SILVA, N. R. **Agroecologia na Educação Básica**: questões propositivas de conteúdo e metodologia. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

SOUSA, R. da P. Educação em agroecologia: reflexões sobre a formação contra-hegemônica de camponeses no Brasil. **Ciência e Cultura**, v. 69, n. 02, São Paulo, 2017.

